

# A fragmentação do Oriente Médio

Por Shlomo Avineri

*Valor Econômico*, 26.8.2014

**O Estado Islâmico provavelmente não terá êxito na criação de uma entidade viável englobando áreas da Síria e do Iraque, mas seu esforço brutal e ideologia islâmica certamente sugerem que as velhas fronteiras, e os Estados por elas delineadas, estão saindo de cena.**

As histórias de horror provenientes do norte do Iraque, bem como a continuada matança na guerra civil na Síria, apontam para uma mudança tectônica no Oriente Médio. Quase 100 anos depois da Primeira Guerra Mundial, o sistema regional de Estados estabelecido após a dissolução do Império Otomano está se esgarçando.

O mapa contemporâneo do Oriente Médio foi elaborado pelas potências ocidentais imperiais vitoriosas, Reino Unido e França, durante e após a Primeira Guerra Mundial. Enquanto ainda grassava a guerra, eles assinaram um acordo elaborado pelos diplomatas Sir Mark Sykes e François George-Picot, que delineava suas respectivas esferas de influência em todo o Levante - um acordo que desconsiderou inteiramente a história, tradições e filiações étnicas e religiosas da região, e a vontade das populações locais.

Os modernos Estados do Iraque, Síria e Líbano, surgiram, assim, como entidades separadas e independentes. Suas fronteiras eram arbitrárias e artificiais - e nenhum jamais tinha existido em tal forma. (O caso da Palestina foi ainda mais complicado, devido a promessas conflitantes do Reino Unido a árabes e judeus).

Eventualmente, o Iraque, a Síria e o Líbano tornaram-se países independentes, modelados na ideia westfaliana do Estado-nação moderno. Seus líderes mantiveram esse sistema - e suas fronteiras - como o melhor disponível. Nenhum desses governantes, especialmente os autoritários que surgiram após a independência, tinha interesse em mudar o status quo.

Esse sistema imposto pelo Ocidente está agora se esgarçando. Estados-nações não podem ser sustentados quando não refletem os desejos de suas populações.

A invasão do Iraque liderada pelos EUA pôs fim não apenas ao governo de Saddam Hussein, mas também ao controle pela minoria sunita, estabelecida pelos britânicos gerações atrás. O ímpeto da maioria xiita, após desencadeado, viu as eleições democráticas apoiadas pelos EUA como um veículo para a imposição de um controle hegemônico sobre o país.

O Iraque atual não é o Estado-nação árabe unitário do passado e é duvidoso que esse Estado possa ser restaurado. O Governo Regional Curdo (GRC) no norte é um Estado de facto, com seu próprio exército, autoridades fronteiriças e controle (até certo ponto) dos recursos naturais em seu território. Consulados estrangeiros em Erbil, a capital do GRC, funcionam efetivamente como embaixadas.

Na Síria, o que começou como pacíficas manifestações pró-democracia deteriorou rapidamente em insurreição armada da maioria sunita contra a hegemonia da seita alaúta, liderada pela família Assad. Tal como acontece com o

Iraque, é difícil ver como a Síria poderia ser reconstituída como Estado-nação árabe unitário.

O desmembramento de fato das autoridades estatais centrais de ambos os países deu origem a um ator totalmente novo - o Estado islâmico, que anunciou a criação de um califado cobrindo áreas do Iraque e da Síria, desconsiderando totalmente o antigo arranjo Sykes-Picot.

O Estado Islâmico, um ramo derivado da Al-Qaeda, provavelmente não terá êxito na criação de uma entidade viável englobando áreas da Síria e do Iraque, mas seu esforço brutal e ideologia islâmica certamente sugerem que as velhas fronteiras, e os Estados por elas delineadas, estão saindo de cena. De fato, as recentes incursões do grupo no Líbano também poderão comprometer o frágil equilíbrio intercomunitário lá.

O esgarçamento do sistema estatal imposto pelo Ocidente está ocorrendo em outros lugares no Oriente Médio como um todo. O Sudão - um vasto país multiétnico e multiconfessional estabelecido como entidade política pelos britânicos na década de 1890 - está continuando a se fragmentar. O surgimento, após uma guerra civil prolongada e sangrenta, de um Sudão do Sul independente, em 2011, liberou a população cristã e animista locais do jugo árabe-muçulmano. Mas Darfur continua sangrando e o Sudão do Sul está longe de ser um sistema político estável.

Também a Líbia está se desintegrando. As duas províncias - Tripolitânia e Cirenaica -, que a Itália capturou dos otomanos pouco antes da Primeira Guerra Mundial, foram unidas à força em uma entidade denominada "Líbia", apesar de suas profundas diferenças históricas e culturais. Desde a morte de Muammar Kadafi em 2011, os líbios não conseguiram estabelecer uma estrutura estatal coerente de qualquer tipo sob seis primeiros-ministros. Bem-intencionados sermões ocidentais sobre a necessidade de formar um governo unificado eleito democraticamente soam totalmente irrelevantes, dado o grau de fragmentação social e política.

Há uma exceção a essas fraturas regionais: o Egito. Apesar de todas as suas tribulações internas, não há dúvida de que o Egito é uma entidade coerente, profundamente ancorada na história e na consciência da população. Apesar de todos os problemas enfrentados pela comunidade cristã copta, ninguém duvida que eles são tão egípcios quanto a maioria muçulmana.

Mas também o Egito seguiu um padrão definidor regional. Enquanto o secularismo no Ocidente surgiu com a ascensão de forças liberais e democráticas inspiradas pelo Iluminismo, no Oriente Médio muçulmano o secularismo sempre foi imposto por governantes autoritários: o Xá no Irã, Atatürk na Turquia, Saddam no Iraque, Assad na Síria, e Nasser e Mubarak no Egito. Isso explica por que as minorias cristã e drusas na Síria agora apoiam Assad, e por que os coptas no Egito apoiam o regime militar: governo majoritário democrático significa hegemonia muçulmana.

Durante séculos, a Europa foi palco de lutas religiosas e nacionais violentas, culminando com os horrores das duas Guerras Mundiais, antes de atingir o seu atual sistema estatal estável. O Oriente Médio, provavelmente pagará menos em termos de duração e violência; mas a idéia de que o que emergirá serão,

necessariamente, Estados-nações de estilo europeu, poderá revelar-se uma ilusão ocidental. O falecido Edward Said, teórico literário e intelectual, poderia até denominá-lo exemplo de orientalismo paternalista. **(Tradução de Sergio Blum)**

**Shlomo Avineri é professor de Ciência Política na Universidade Hebraica de Jerusalém e membro da Academia Israelense de Ciências e Humanidades. Seu livro mais recente é Theodor Herzl and the Foundation of the Jewish State (Theodor Herzl e a fundação do estado judeu).**